

MOISÉS DE LEMOS MARTINS & MARIA DA LUZ CORREIA

moiseslmartins@gmail.com; mariadaluzcorreia@gmail.com

**CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE DA UNIVERSIDADE
DO MINHO; CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE
DA UNIVERSIDADE DO MINHO E UNIVERSIDADE DOS AÇORES**

PENSAR A MORTE NA CONTEMPORANEIDADE

Todos os dias lemos jornais e revistas, vemos e ouvimos noticiários, onde a morte é notícia. Todos os dias assistimos a filmes e séries no ecrã dos nossos *tablets* e *laptops*, onde a morte é o motor da intriga. Todos os dias a morte e os seus símbolos inspiram coleções de moda, tribos urbanas, anúncios publicitários e objetos de arte contemporânea. Esta recorrência da morte nos meios de comunicação e nas artes parece estar em consonância com uma perceção agravada da transitoriedade, da precariedade e da contingência da condição humana, que seria uma das principais marcas da contemporaneidade. É por isso urgente pensar essa interrupção constante, que é hoje a morte no fluxo da vida quotidiana, de que os média e as expressões culturais contemporâneas se tornaram os principais narradores. A presente publicação e o projeto de investigação científica que a motivou respondem a uma tal urgência.

O projeto de investigação científica “O fluxo, a morte e o acontecimento mediático: linguagens, interações e imaginário” dedica-se à análise de figurações da morte nos média e nas artes visuais, decorrendo informalmente, desde 2012, na Universidade do Minho e na Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação de Moisés de Lemos Martins e de Paulo Bernardo Vaz. Desde 2014, este projeto conta com apoio financeiro, baseado num convénio entre a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Esta é a primeira publicação coletiva resultante do regular e profícuo debate destas duas equipas de investigação, cada uma com mais de uma

dezena de membros¹, sedeadas respetivamente na Universidade do Minho, em Portugal, e na Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil.

Desde o início deste projeto, duas linhas de investigação se impuseram, com uma veemente clareza, como as direções preponderantes da nossa discussão e da nossa reflexão. A cobertura noticiosa da morte, ou seja, a apreensão da morte como acontecimento mediático pelo jornalismo, através de meios de comunicação como a imprensa e a rádio, por um lado, e a figuração visual da morte, a sua apropriação como fenómeno estético, pelo entretenimento e por artes visuais como a fotografia, o cinema e a publicidade, por outro lado.

Num primeiro eixo de reflexão, questionamo-nos sobre a forma como o discurso jornalístico expõe este acontecimento-limite que é a morte, relata a sua ocorrência e a contabiliza, perguntando-nos em que medida a função narrativa e testemunhal do jornalismo, que integra a morte na atualidade noticiosa, familiarizando-nos com ela, é representativa do lugar do mesmo nas dinâmicas sociais e nas interações comunicacionais contemporâneas (Antunes, 2013a e 2013b; Leal, 2012; Leal, Vaz & Antunes, 2010; Marinho, 2007; Vaz & França, 2011; Vaz, 2013).

Numa segunda direção da pesquisa, interrogamo-nos sobre a forma como a morte é hoje aparelhada por dispositivos técnicos e transfigurada em domínios estéticos, como a moda, a publicidade, o turismo, a fotografia, o cinema e a arte contemporânea. A partir de uma revisão da iconografia coletiva da morte, refletimos sobre a função lúdica e a ação distrativa dos média no âmbito mais geral da vida social e da existência contemporânea, cuja racionalidade é em permanência, não só desafiada pela *estranheza* da morte, mas também das inúmeras imagens e dos muitos imaginários que confluem no nosso quotidiano (Biondi, 2014; Coutinho & Baptista, 2014; Martins, 2013, 2015; Oliveira, 2005).

Querendo fixar as textualidades da morte no discurso jornalístico, e também as visualidades da morte nas estéticas e nas técnicas mediáticas, podemos dizer que a dupla vocação do projeto não se furtou ao espírito do seu tempo, ao *zeitgeist*, conforme a formulação alemã, refletindo a tensão entre a palavra e a imagem, entre o real e o virtual, que seria tão manifesta

¹ Os membros da equipa da Universidade do Minho são os seguintes: Moisés de Lemos Martins (coordenador), Ana Cármen Palhares; Ana Duarte Melo; Ana Santiago; Belmira Coutinho; Emília Araújo; Felisbela Lopes; Lurdes Macedo; Madalena Oliveira; Maria da Luz Correia; Maria Manuel Baptista; Sandra Marinho; Sofia Gomes; Vítor de Sousa. A equipa da Universidade Federal de Minas Gerais é, por sua vez, composta pelos seguintes elementos: Paulo Bernardo Vaz (coordenador), Adriana Bravin; Bruno Souza Leal; Carlos Alberto Carvalho; Carlos Jáuregui; Elton Antunes; Igor Lage; Leandro Lage; Luísa Ramos; Marco Sousa; Michele Tavares; Nuno Ribeiro; Phellipy Jácome.

nas ambivalências quotidianas de quem experiencia os média, como nos debates teóricos de quem os pensa.

É nossa perspectiva que a contemporaneidade é caracterizada precisamente por esta tensão entre o paradigma da semiótica da língua e o paradigma da semiótica da imagem, “o regime da palavra” e “o regime da imagem tecnológica”, tendendo este último a prevalecer sobre o primeiro (Martins, 2011, p. 77; 2016). Com efeito, a profusão de ecrãs na vida quotidiana tira o nosso mundo e a nossa cultura da órbita da correspondência e da analogia, da língua e da realidade, para os fazer rodar nesse outro trajeto, mais caótico, da autotelia e da autonomia, da imagem e da virtualidade (Martins, 2011, p. 71; 2016; Martins et al., 2011). Com uma densidade acrescida, os média contemporâneos abandonam progressivamente as suas funções de portadores de mensagens, e de veículos de significados, sendo tendencialmente pensados por nós em termos das suas estéticas (barroca, trágica e grotesca), dos seus efeitos sensoriais e do seu impacto psíquico (da eferescência e da alucinação ao tédio e à melancolia) (Martins, 2011, p. 187; 2016).

Se no seu conteúdo, o projeto esteve atento a esta oscilação entre palavra e imagem, que é o ritmo da atmosfera mediática contemporânea, na sua forma, “O fluxo, a morte e o acontecimento mediático: linguagens, interações e imaginário” também foi contaminado pela hibridação entre o local e o global, entre o *offline* e o *online*, que determina as dinâmicas sociais contemporâneas (Correia, 2013, pp. 272-276).

Com efeito, a partilha e a discussão de ideias entre os membros do projeto abriu entre estes uma híbrida *ágora*, que privilegiou o mais arcaico e tradicional diálogo presencial e *offline*, consubstanciado em colóquios anuais, encontros e intercâmbios dos investigadores, mas também a mais contemporânea interação virtual e *online*, neste caso, traduzida no blogue e na página de *Facebook* do projeto, ambos criados em 2014.

Por um lado, cruzamos frequentemente o Atlântico para discutir o tema da morte nos média, numa travessia intelectual e numa experiência cultural que enriqueceu periodicamente os nossos horizontes. Os colóquios realizados até ao momento, contaram com comunicações orais, exposições² e longos debates, sobre subtemas, como o acontecimento

² As duas exposições, ambas com a duração de um dia, realizadas no âmbito destes colóquios foram, respetivamente, o ensaio fotográfico *Imago, vitrines de um tempo imperfeito*, proposto por Maria da Luz Correia, no colóquio “O Fluxo e a Morte”, em julho de 2013, na Universidade do Minho, e a exposição da Série *Inimigos de Gil Vicente*, organizada e apresentada por Ana Carmen Palhares, no Colóquio “Medialândia” em abril de 2014, também na Universidade do Minho.

mediático, a cobertura noticiosa da morte no jornalismo de imprensa, no fotojornalismo e o no jornalismo radiofónico, os crimes de proximidade contra mulheres no discurso jornalístico, as declinações visuais da temática da morte na arte contemporânea, na moda, na publicidade, no turismo e na fotografia... Uma boa parte destes colóquios realizou-se, de 2012 até ao presente, na Universidade do Minho, em Braga, com uma periodicidade anual³. Um deles, dedicado aos Sentidos da Morte, decorreu também em Belo Horizonte, no Brasil, em novembro de 2015. Nesse mesmo ano, destacou-se também a participação do projeto no IX Congresso da Associação Portuguesa das Ciências da Comunicação, em Coimbra, que acolheu dois painéis dedicados à cobertura mediática da morte, com intervenções dos investigadores do projeto, um integrado no Grupo de Trabalho de Género e Sexualidades, o outro inscrito no Grupo de Trabalho de Cultura Visual.

À generosa prosa decorrente destes colóquios, juntou-se ainda o intercâmbio de estudantes, docentes e investigadores. Com efeito, este projeto tinha também como vocação incentivar a troca de experiências de formação, de pesquisa e de docência entre os investigadores portugueses e brasileiros, no âmbito da temática, missão que cumpriu até ao momento, tendo já diversos doutorandos portugueses elaborado períodos de estudos na Universidade Federal de Minas Gerais e vice-versa⁴. De igual modo, os investigadores de uma e de outra equipa puderam realizar investigação e exercer docência fora das suas instituições de filiação, proporcionando aos estudantes da Universidade do Minho e da Universidade Federal de Minas Gerais o contacto com seminários e cursos dedicados à temática das figuras da morte nos média e na cultura⁵.

³ Entre o ano de 2012 e de 2016, realizaram-se cinco colóquios, na Universidade do Minho, com uma periodicidade anual, todos organizados pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Em junho de 2012, decorreu o seminário internacional, *Acontecimento Mediático*, coordenado por Moisés de Lemos Martins e Madalena Oliveira. Em julho de 2013, realizou-se o segundo colóquio do projeto, intitulado “O Fluxo e a Morte” e coordenado por Moisés de Lemos Martins e Maria da Luz Correia. Antes ainda de passar um ano sobre este segundo colóquio, em abril de 2014, a Universidade do Minho acolheu mais uma edição deste encontro anual com o Colóquio “Medialândia”, coordenado, mais uma vez, por Moisés de Lemos Martins e Maria da Luz Correia. O quarto colóquio realizou-se em abril de 2015, subordinado ao tema “O fluxo e a morte: dos média ao turismo”. O quinto colóquio decorreu muito recentemente, em junho de 2016, sob o título “Textualidades em fluxo: para captar os media como experiência”.

⁴ Entre o ano de 2014 e 2016, vários doutorandos e pós-doutorandos da Universidade do Minho e da Universidade Federal de Minas Gerais realizaram períodos de formação e desenvolveram projetos de investigação numa e noutra instituição, no âmbito da temática da morte nos média.

⁵ Entre novembro de 2014, Moisés de Lemos Martins lecionou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, à Pós-Graduação em Comunicação, o curso de 12 horas, “Mídia e Cultura Contemporânea”. Entre agosto e setembro de 2014, Maria da Luz Correia lecionou, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, à Pós-Graduação em Comunicação, o

Finalmente, no ano de 2014, foram criados o *site* e a página de *Facebook* do projeto “O fluxo, a morte e o acontecimento mediático: linguagens, interações e imaginário” (as Figuras 1 e 2, respetivamente, apresentam um *print* destas páginas). Um logótipo para representar o projeto nestes portais virtuais foi concebido também nesta ocasião: procurou-se resumir nele, visualmente, a ideia do projeto, através da junção de representações gráficas do fluxo (a espiral), da morte (a cor preta), e dos média (o ecrã) (Figura 3).



Figura 1: *Site* do projeto



Figura 2: Página do *Facebook* do projeto

curso de 30 horas, Estudos de Cultura Visual. Em novembro de 2015, Ana Melo lecionou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, à Pós-Graduação em Comunicação, o mini-curso “Publicidade, consumo e cidadania: plataformas participativas” e Sandra Marinho, pela mesma ocasião e na mesma instituição, lecionou o mini-curso “Questões éticas em investigação nas Ciências Sociais”. Em abril de 2015 e junho de 2016, Paulo Bernardo Vaz, Elton Antunes, Bruno Sousa Leal e Carlos Alberto Carvalho coordenaram uma sessão do Mestrado de Comunicação Arte e Cultura da Universidade do Minho.



Figura 3: Logótipo do projeto

A construção e a dinamização de um site e de uma página na rede social *Facebook* têm potenciado a comunicação interna e externa do projeto, ao promover plataformas de interação e de escrita científica participativa entre as equipas. O site é não apenas um arquivo organizado e em permanência acessível de todas as informações sobre o projeto (objetivos, equipa, eventos, publicações, contactos) como também uma espécie de caderno coletivo de notas, apontamentos e reflexões decorrentes da pesquisa e da investigação. A comparação não é fortuita já que no mundo académico francófono, vulgarizou-se recentemente o termo de *carnets de recherche* (cadernos de pesquisa), para designar blogues desta índole⁶.

No blogue e na página de *Facebook* do projeto, têm sido publicadas, com uma periodicidade irregular, notas sobre eventos realizados no âmbito do projeto (seminários, colóquios e cursos), e também informações sobre publicações e teses, no vasto domínio das representações da morte nos média, breves reflexões sobre acontecimentos mediáticos, que envolvem a morte de figuras públicas, breves notas sobre a fotografia *post mortem*, e ainda, mais recentemente, instigantes miniensaios sociológicos que repensam a presença da morte na história da arte, na publicidade e na moda⁷. Estes

⁶ A este propósito, confira-se uma experiência análoga realizada no âmbito do projeto “Os postais ilustrados: para uma sócio-semiótica da imagem e do imaginário” (FCT: PTDC/CCI/72770/2006), coordenado por Moisés de Lemos Martins, devidamente descrita no livro *Do Post ao Postal* (Martins & Correia, 2015).

⁷ Como veremos, estes ensaios da autoria de Albertino Gonçalves, estão compilados no final desta publicação, no “Álbum – visões da morte”.

dois instrumentos ajustam-se ao ritmo fragmentário e ao caráter transitório do pensamento contemporâneo, num momento em que também o conhecimento científico é abalado pela crise das grandes narrativas, conforme o diagnosticou, em finais dos anos setenta, Jean-François Lyotard (1979).

FIGURAÇÕES DA MORTE NOS MÉDIA E NA CULTURA: ENTRE O ESTRANHO E O FAMILIAR

A primeira parte deste livro reúne artigos dedicados à cobertura mediática dos crimes de proximidade contra mulheres e, em particular, do feminicídio. Quase todos eles partem da pesquisa em curso na Universidade Federal de Minas Gerais, com o título “Narrativas de um problema cotidiano: o testemunho jornalístico e a violência de gênero”, no âmbito da qual, entre 2013 e 2014, se fez um levantamento da cobertura jornalística brasileira (em diversas rádios, jornais impressos, canais televisivos e portais de notícias on-line) acerca da violência contra a mulher. Se o ponto de partida é comum, os trajetos de reflexão percorridos nos diferentes textos não coincidem por inteiro, como é evidente.

Neste conjunto, contamos com reflexões mais gerais sobre a particular problematidade da apreensão jornalística da morte e dos crimes de proximidade contra mulheres, inseparáveis dos tabus sociais que os configuram (Carvalho, 2016). Passamos pela análise do regime de visibilidades e invisibilidades com que a cobertura mediática dos crimes violentos contra mulheres nos familiariza, nomeadamente em relação à figura da mulher (Vaz & Biondi, 2016) e à figura do agressor (Antunes, 2016). E, enfim, repensamos os dois critérios de noticiabilidade jornalística *proximidade* e *morte*, no âmbito dos crimes de violência contra mulheres, em contexto de relações afetivas, sexuais e de convivialidade (Leal, 2016).

A segunda parte do nosso e-book reúne textos dedicados à morte enquanto acontecimento quotidianamente mediatizado pelo discurso jornalístico, nomeadamente, em casos de desastres, de surtos de doença, e de suicídio. Repensa-se a morte na sociedade contemporânea, a partir de uma análise d’“o jornalismo nosso de cada dia”, isto é, de um estudo da cobertura diária deste acontecimento nos jornais populares, ditos, tabloids (Portari, 2016). Questiona-se o papel dos média na construção de surtos de doenças como a Legionella (Gomes & Lopes, 2016) e de desastres como a queda da ponte de Entre-os-Rios (Araújo, 2016)⁸, ambos acontecimentos ocorridos em Portugal. A partir da análise da produção jornalística em

⁸ Sobre este assunto, veja-se outra publicação de um membro do projeto: Marinho, 2007.

torno do suicídio do ator brasileiro Walmor Chagas, dá-se conta da função hermenêutica da morte nos média, o que permite repensar problemas sociais contemporâneos, como o suicídio e a depressão na velhice (Ferreira & Simões, 2016). Finalmente, procurando aferir a presença nos média de um modelo de quatro vítimas, o paciente e seus familiares, o profissional de saúde, a organização, e o sistema de saúde, interroga-se a construção noticiosa da morte por erro médico, apontando os resultados da investigação para a construção de textos jornalísticos com uma só vítima (o paciente e as famílias), sendo negada aos profissionais de saúde o estatuto de segunda vítima (Marinho, 2016).

Textos inspirados nas estranhezas da morte que atravessam as *passerelles* de célebres estilistas, as competições internacionais de fotojornalismo, os populares álbuns de família do início do séc. XX, compõem a terceira parte do nosso livro eletrônico. As formas trágicas, grotescas e barrocas, manifestas nas criações do estilista britânico Alexander McQueen, são um pretexto para repensar a condição transitória, contingente, múltipla e solitária do sujeito contemporâneo (Martins, 2016). As figuras do “corpo supliciado”, do “corpo submetido” e do “corpo abatido” na produção fotojornalística contemporânea, premiada em competições como o *Esso* e o *World Press Photo* é, por sua vez, o ponto de partida para refletir sobre as forças sociais e as dinâmicas políticas da nossa cultura visual (Biondi, 2016). Também a afinidade da teoria e da história da fotografia com a morte é reelaborada, por um lado, a partir de uma síntese do pensamento disfórico em torno da fotografia, e, por outro lado, de uma análise de fotografias do início do séc. XX, que figuram a morte, ora com gravidade e mistério, ora com ligeireza e humor (Correia, 2016). Por fim, é interrogado o modo como a morte é posta em discurso na publicidade. Registrando a diversidade de utilizações que os criativos fazem da morte, assim como as distintas estratégias para nos relacionarmos com ela, a análise intenta saber se na publicidade a morte é um produto ou um serviço, ou mais simplesmente, se um mero recurso expressivo destinado a manipular emoções (Melo, 2016).

Não podemos precisar se a quarta e última parte desta publicação – o nosso *álbum*, como o designamos – tem mais imagens ou mais palavras, mas podemos, com toda a certeza, asseverar que ela tem uma componente visual preponderante e uma dimensão imaginária decisiva. Ela recompõe, de algum modo, o nosso mural, aí afixando as visões que nos foram sendo inspiradas pela temática da morte nos média. Esta espécie de anexos visuais revertem para o formato de um *e-book* uma pequena exposição realizada no âmbito dos já referidos colóquios anuais do projeto (Palhares & Martins,

2016) assim como um conjunto de breves *posts* publicados no também já mencionado blogue coletivo (Gonçalves, 2016). O resultado é uma espécie de galeria de visões onde a violência e a morte andam paredes-meias com a arte e a iconografia social quotidiana, da atualidade noticiosa à publicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, E. (2013a). Notícias depois da morte: visibilidades e ausências no jornalismo. In C. Berger; B. Marocco & R. Henn (Org.), *Jornalismo e acontecimento: diante da morte* (pp. 49-69). Florianópolis: Insular.
- Antunes, E. (2013b). Noticiabilidade periférica ou quando a morte pergunta pela notícia. In D. Vogel; E. Meditsch & G. Silva (Org.), *Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais* (pp. 105-133). Florianópolis: Insular.
- Antunes, E. (2016). Na cena da notícia: vestígios do jornalismo no assassinato de mulheres. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Araújo, P. (2016). A vertigem do momento: o poder do sofrimento e da morte e a ilusão da força das vítimas In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Biondi, A. (2014). *Corpo sofredor: figuração e experiência no fotojornalismo*. Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Biondi, A. (2016). Três figurações do corpo sofredor no fotojornalismo In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Carvalho, C. A. (2016). Crimes de proximidade em coberturas jornalísticas: de que mortes tratamos? In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Correia, M. L. (2013). *Intermitências na cultura visual contemporânea: o postal ilustrado e a imagem recreativa*. Tese de doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Université Paris V Sorbonne, Paris, França. Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29216>

- Correia, M. L. (2016). No negativo: morte e fotografia. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Coutinho, B.; Baptista, M. M. & Martins, M. L. (2014). Há morte nas catacumbas? Perceções de visitantes de uma atração de turismo negro. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 21/22(4), 493-503.
- Gomes, S. & Lopes, F. (2016). Doença do legionário: da mediatização da doença à contagem das mortes. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Gonçalves, A. (2016). Anúncios da Morte. In Martins, M. L., Correia, M. L., Vaz, P.B. F. & Antunes, E. (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Leal, B. S. (2012). O realismo em tensão: reflexões a partir da morte como acontecimento nas narrativas jornalísticas. In C. Berger; R. Henn & B. Marocco (Org.), *Jornalismo e acontecimento: diante da morte* (pp. 91-110). Florianópolis: Insular.
- Leal, B. S.; Vaz, P. B. & Antunes, E. (2012). Narratives of death. In R. Cabecinhas & L. Abadia (Org.), *Narratives and social memory: theoretical and methodological approaches* (pp. 91-110). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Leal, B. S. (2016) Crimes de Proximidade e modos de aproximação: fronteiras narrativas In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Liotard, J. F. (1979). *La Condition post-moderne. Rapport sur le savoir*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Marinho, S. (2007). A Queda da Ponte de Entre-os-Rios: exibição em directo da dor e do luto. In M. Pinto & H. Sousa (Coord.), *Casos em que o Jornalismo foi Notícia*. Porto: Campo das Letras.
- Marinho, S. (2016). O erro médico na imprensa portuguesa: histórias de morte com uma só vítima. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Martins, M. L. (2011). *Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor.

- Martins, M. L. (2013). O corpo morto: mitos, ritos e superstições. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1(1), 109-134.
- Martins, M. L. (2015). Mélancolies de la mode. Le baroque, le grotesque et le tragique. *Les Cahiers Européens de L'Imaginaire*, 7, 114-119. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/35333>
- Martins, M. L. (2016). Declinações trágicas, barrocas e grotescas na moda contemporânea. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Martins, M. L. & Correia, M. L. (Org.) (2015). *Do Post ao Postal*. Braga: Húmus.
- Martins, M. L.; Miranda, J. B.; Oliveira, M. & Godinho, J. (Org.) (2011). *Imagem e pensamento*. Coimbra: Grácio Editor.
- Melo, A. (2016). A morte como produto e objeto do desejo: uma abordagem publicitária. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Oliveira, M. (2005). Olhando a morte dos outros. In *Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação - Livro de Actas – 4º SOPCOM* (pp. 1952-1962). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Palhares, A. & Martins, M. L. (2016). Morte e Poder na obra de Gil Vicente: uma apresentação da série *Inimigos* (2005-2010). In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Portari, R. (2016). A morte e o jornalismo nosso de cada dia In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Vaz, P. B. F. (2013). Lições de morte nos jornais. In C. Berger; B. Marocco & Henn, R. (Org), *Jornalismo e acontecimento: diante da morte* (pp. 21-47). Florianópolis: Insular.
- Vaz, P. B. F. & Biondi (2016). Silêncio visual e gritos verbais nas narrativas jornalísticas do feminicídio. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. B. F. Vaz & E. Antunes (Org.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Vaz, P. B. F. & Franca, R. O. (2011). O acontecimento enquadrado: a tragédia em capas de revistas. In B. S. Leal; E. Antunes & P. B. F. Vaz (Org.), *Jornalismo e Acontecimento - Percursos Metodológicos* (pp. 167-188). Florianópolis: Insular.

Citação:

Martins, M. L. & Correia, M. L. (2016). Pensar a morte na contemporaneidade. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. Bernardo Vaz & Elton Antunes (Eds.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar* (pp. 5-16). Braga: CECS.